

METAMORFOSES

PENSAR O MUNDO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Artes: criação, produção e consumo



Benjamin Taubkin
Pianista, compositor,
arranjador e produtor
musical, criador do
Projeto Viver de Música.



Janaína Leite
Atriz, diretora,
autora e produtora
de teatro

Mediação/Análise:
Kelly Adriano de Oliveira
Doutora em Ciências Sociais pela
Unicamp e Gerente Adjunta da
Gerência de Ação Cultural do Sesc SP

16/10 – 17h
Inscrições a partir de 28/09
bit.ly/ciclotamorfoses

Realização:
instituto
casa comum



Entre Tempos do que virá

Kelly Adriano de Oliveira

Alguns apontamentos entre ontem, hoje e um amanhã, que indicam que nada será como antes.

O momento do Agora está constituído por incertezas provocadas por um invisível não metafórico, que impõe afastamentos e vivências mediadas por recursos tecnológicos diversos. São sete meses de experiências diferentes e inéditas, marcadas por um impensável isolamento social, para quem teve o privilégio de fazê-lo, pois ficou explícito o quanto as desigualdades que assolam historicamente o Brasil, atravessadas pela interseccionalidade entre classe, raça e gênero, como apontam as pensadoras

Lélia Gonzáles e Ângela Davis, foram ainda mais acentuadas nestes tempos e ativaram uma rede de solidariedade que, muitas vezes, parece ter mobilizado mais pelo medo que por um sentido real de alteridade, reconhecimento de vivências humanizadas menos vulnerabilizadas e mais equânimes. Todo mundo na mesma tempestade, mas nem todas as pessoas no mesmo barco.

Entre perdas e danos nos âmbitos sociais, econômicos, políticos e individuais, olhando mais diretamente para as Artes, diferentes camadas de profissionais envolvidos nos fazeres, saberes e criações artísticas, foram e ainda estão sendo impactadas, desafiadas e provocadas para viver, ou mesmo sobreviver, em novos possíveis. Nesse panorama, a arte como forma humana de se relacionar com o real e de recriá-lo, está colocada como fundamental no caminho de expressar e estimular percepções críticas de redimensionamento do relacional, potencializadora do sentir e, de certa forma, organizadora de novas experiências e concepções de mundo, imaginários e sentidos de humanidade que incorporem noções ampliadas de vivências, saberes, escutas e experimentações.

Nesse estado de coisas marcadas pelas preocupações em viver um dia de cada vez, a arte permanentemente se mostra como ainda mais necessária, em seu sentido criativo fundante, mas também no sentido de saúde, pertencimento, bem estar, bem viver. Nestes tempos de hoje, o campo do digital foi sendo reconhecido de forma mais ampla, não como suporte para transposições, mas como campo criativo possível. Constituído de novas experimentações, segue ajudando a resignificar diversas dimensões e as relações entre criadores e públicos, impactando a criação e a fruição, o sentir, o pensar, os fazeres e saberes artísticos.

Esse campo expandido também explicitou diferenças e dificuldades acentuadas pelas desigualdades no acesso aos recursos tecnológicos, mas, ainda assim, é o facilitador que media e torna possível o contato com conteúdos e pessoas, e o que viabiliza os encontros diferentes de um olho no olho entre corpos sem toques.

Transbordando fronteiras, misturando espacialidades e criando novos significados para os chamados privado, particular, público e íntimo, as janelas-telas dos diferentes dispositivos, mostraram paisagens diversas de casas, salas, cozinhas, quartos, lajes em

apresentações ao vivo, na tentativa de manter conexões poéticas e afetivas entre criadores, seus públicos e muitos outros novos públicos. Ainda assim, o espaço digital não substitui o presencial, mas segue apresentando possibilidades de convivências híbridas, complementares que, ao que tudo indica, não serão interrompidas pois, pelo digital também há presencialidades construídas em outras bases e noções de tempo-espaço.

Momentos de incertezas são tempos de perguntas e experimentações, carregados de provocações e incômodos que potencializam a ativação de sensibilidades múltiplas, ampliam percepções distintas, sensações estranhas, motivações para seguir, busca por interlocuções. E o que esses tempos têm nos feito fazer, que não fazíamos? O que esses tempos impulsionam em termos de proposições a serem dialogadas com e entre as diversas instâncias da sociedade, no sentido de ativar responsabilidades, encaminhamentos e fortalecimento de avaliações e ações de real impacto para transformações?

As reflexões carregam sentidos de constituir e aperfeiçoar processos criativos, colaborativos e ampliadores de referências. Há muito que se pensar e compartilhar conhecimentos sobre as urgências dessas mudanças sociais em movimento. Há muitas experiências relevantes, há muito que conhecer olhando mais para o micro que para o macro, mais para as potências que para as faltas.

Construir novas narrativas que carregam preocupações com a ampliação de referências e perspectivas de conhecimento e convivência, são caminhos dialógicos apontados por esse momento de urgências, transição e retomada. Torna-se cada vez mais importante a necessidade e oportunidade de constituir coletivamente, de forma responsável, novos pactos e compromissos civilizatórios, para novos mundos e imaginários, com relações sociais pautadas no reconhecimento das diferenças, do respeito, de direitos e igualdades, aprendendo e ensinando que silenciamentos e invisibilidades históricas, não podem continuar sendo naturalizadas, mantidas e perpetuadas.

Tempos de incertezas são tempos de compartilhamentos, mudanças e de ampliação de parcerias provocativas, de olhares interessantes e interessados com e para

articulações entre instituições. Como territórios disparadores e facilitadores de convivências e saberes, lugares de difusão e desenvolvimento de processos de conhecimentos e trocas ampliados, as instituições das áreas de arte, educação e cultura, são espaços possíveis para práticas balizadas pelo desenvolvimento de pensamento crítico, responsável e cidadão, com caminhos que apontam possibilidades de ressignificações e reconfigurações, como potentes locais abertos para o criar, receber e reverberar o novo, pelas escutas, diálogos, pertencimentos e pensamentos coletivos, criativos, conjuntos e compartilhados, com olhares atentos para o que ainda está por ser inventado.

Quais caminhos estão sendo experimentados e construídos? Como pensar e agir nesses tempos de um vir a ser? É importante abrir espaços de escutas para novos modos de imaginar o mundo, considerando todas as suas contradições, contribuições, travessias e atravessamentos, com relações que possam começar a ser estabelecidas em permanente interrogação sobre quais as novas formas de reinvenção e (re) existência. Abertura de processos de experimentações e formações permanentes, para vivências e convivências outras.

As experiências desses momentos são de pensar e fazer em processo, aprendendo, apreendendo e ensinando na simultaneidade orgânica dos tempos, apontando para construções coletivas em que a arte é convite para experimentar pés no chão e cabeças aos ventos, reorganizando mundos e refazendo sentidos plurais de humanidade.

São Paulo, primavera de 2020.

Kelly Adriano de Oliveira. *Cientista Social, educadora, pesquisadora, curadora. Gerente Adjunta da Gerência de Ação Cultural do Sesc São Paulo.*